

Psicodiagnóstico interventivo: um olhar a partir da experiência psicoterapêutica sob o enfoque da abordagem fenomenológico-existencial

Interventional psychodiagnosis: a view from the psychotherapeutic experience under the phenomenological-existential approach

Jessica da Silva Escardovelli¹

Mariana Rodrigues Alves²

Mylene da Silva Fernandes³

Mirella Martins Justi⁴

RESUMO

A partir da experiência pelas autoras no Estágio de Formação Profissional I do curso de Psicologia, denominado Psicodiagnóstico Interventivo, suscitou-se a necessidade de discutir o olhar do estagiário-terapeuta frente às demandas escolares. Para tal, realizou-se um estudo de abordagem qualitativa visando obter informações por meio de prontuários com queixa de ordem escolar atendidos no serviço-escola. Os resultados revelaram as limitações que os alunos encontram para desvincular a fundamentação teórica e se permitirem à experiência da relação terapêutica. Além disso, considerou-se significativamente a importância de novas pesquisas a fim de afirmar ou não a hipótese de que o aparente distanciamento relacional por parte do estagiário-terapeuta possa ter influência junto ao desfecho do processo de psicodiagnóstico interventivo.

Palavras – chave: Estagiário-terapeuta; Fenomenologia-existencial; Psicodiagnóstico Interventivo.

ABSTRACT

Based on the authors' in the Professional Training Stage I of the Psychology course, known as Interventional Psychodiagnosis, the need arose to discuss the intern therapist's perspective on school-related demands. To this end, a qualitative study was conducted to gather information from medical records involving school-related complaints addressed in the school service. The results revealed the limitations face in disconnecting from theoretical foundations to fully engage in the therapeutic relationship. Additionally,, the importance of further research was highlighted to affirm or refute the hypothesis that the apparent relational distance on the part of the intern-therapist may influence the outcome of the interventional psychodiagnosis process.

Keywords: Trainee-therapist; Phenomenology-existential; Interventional Psychodiagnosis.

¹ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba.

² Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba.

³ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba

⁴ Psicóloga; Coordenadora do curso de Psicologia; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

Introdução

O presente estudo se desenvolve a partir da experiência das autoras no curso de Psicologia no Estágio de Formação Profissional I, na modalidade Psicodiagnóstico Interventivo, o qual oferta serviços de atendimentos clínicos à comunidade por meio do serviço-escola.

Em um atendimento proveniente de queixa escolar no qual a criança, por intermédio de sua genitora, chegou até o serviço com a queixa de atraso na aprendizagem e que, ao final do processo, concluiu-se que ela não apresentava nenhuma dificuldade na área em questão, levantou-se uma dúvida: Como o olhar do estagiário-psicoterapeuta frente à queixa de ordem escolar pode interferir no processo de atendimento psicodiagnóstico?

Frequentemente crianças e adolescentes matriculados na rede de ensino, públicas ou privadas, são encaminhadas para avaliação psicológica por supostamente manifestarem problemas de aprendizagem, sendo eles: comportamento agressivo, dificuldade na escrita, leitura, inquietação, desinteresse, entre outros. (BRAGA; MORAIS, 2007)

Os encaminhamentos são realizados a centros especializados, como por exemplo, as clínicas escolas. De acordo com Fonseca (2018, p. 19):

O serviço-escola de psicologia tem como característica ser um espaço oferecido aos estudantes para prestar serviço à comunidade externa, voltado para demandas relacionadas ao sofrimento psíquico, ao processo de desenvolvimento humano, e à promoção de saúde de crianças, adolescentes, adultos e famílias.

Os atendimentos ofertados pelas clínicas-escolas abrangem triagem, psicodiagnóstico, psicoterapia individual ou grupal, plantão psicológico, entre outros. (HERZBERG; CHAMMAS, 2009) Dentro dos atendimentos citados, o foco do trabalho será no processo de psicodiagnóstico interventivo infantil.

De acordo com a Lei Nº 4.119 de 27 de AGOSTO de 1962, a avaliação psicológica e diagnóstico psicológico são atribuições restritivas ao psicólogo. A prática de avaliação no contexto clínico, junto ao diagnóstico psicológico, é denominada por psicodiagnóstico. (GASPARETTO; SCHMIDT, 2013)

O que é o processo Psicodiagnóstico?

A modalidade de atendimento conhecida como Psicodiagnóstico consiste em um processo científico conciso restringido no tempo que tem por objetivo o levantamento de hipóteses diagnósticas, que poderão ser confirmadas ou não durante o processo. Com base na história do cliente e nas hipóteses levantadas, será desenvolvido um plano de avaliação, cabendo ao psicólogo definir as ferramentas de avaliação e qual tempo necessário para sua conclusão. (CUNHA, 2014)

Psicodiagnóstico Tradicional x Psicodiagnóstico Interventivo

O Psicodiagnóstico Tradicional organiza-se em uma coleta de dados com o objetivo de formar um raciocínio clínico e, a partir disso, estabelecer uma indicação terapêutica adequada para o cliente. Dessa maneira, o processo de psicodiagnóstico em seu modelo tradicional, torna-se apenas um passaporte para a próxima fase, a psicoterapia, a qual é considerada por essa modalidade de diagnóstico clínico a via mais adequada de acompanhamento terapêutico. (DONATELLI, 2014)

Nessa perspectiva, o Psicodiagnóstico é uma prática bastante delimitada com começo, meio e fim, com separação nítida entre a primeira fase, a coleta de informações, e a etapa final, momento da devolutiva e de realizar a indicação terapêutica. (SIQUEIRA, 2011, p. 21)

De acordo com a autora, esse modelo caracteriza-se por ser uma prática investigativa e avaliativa, que cabe ao psicólogo ser responsável pelo conhecimento técnico e, ao cliente e seus familiares, serem apenas ouvintes. Dessa forma, tal modalidade “não se compromete com a mobilização e o desvelamento de sentido e/ou com a ampliação da compreensão acerca do vivido por parte do paciente”. (SIQUEIRA, 2011, p. 22)

Na década de 1980, Marília Ancona Lopez traz ao Brasil uma nova visão ao psicodiagnóstico, visando que tal modalidade considere os aspectos investigativos do processo, mas “destaca seu valor compreensivo e terapêutico”. (YEHIA, 2014, p.23)

Em virtudes das novas formas de pensar e fazer o processo psicodiagnóstico, tal prática foi nomeada por Psicodiagnóstico Interventivo.

[...] o psicodiagnóstico interventivo rompe com o conceito de diagnóstico enquanto coleta de dados para que o psicólogo formule uma compreensão sobre o cliente, implicando os clientes no processo de formulação de uma compreensão sobre si mesmos e utilizando os encontros clínicos de maneira a já intervir na dinâmica apresentada, contribuindo para o esclarecimento e para a superação do sofrimento que motivou a busca por ajuda (EVANGELISTA, 2016, p. 221)

Com base na compreensão do processo como interventivo, o psicodiagnóstico possibilita que toda prática psicológica seja terapêutica. Tal compreensão convida o psicólogo a assumir uma atitude mais colaborativa. Além disso, o processo se torna significativo para ambos, que constituem de maneira conjunta um caminho a trilhar. (SIQUEIRA, 2011)

A dimensão colaborativa apresenta-se como possibilidade de uma relação hermenêutica entre o psicólogo e cliente [...] que possibilitará, através de uma fusão de horizontes, conhecer o fenômeno que se revela. Neste sentido, a compreensão – interpretação que resulta desse encontro, não se constitui em diagnóstico preciso advindo da capacidade metódica e teórica do psicólogo, mas, é, antes, um campo comum de interlocução entre todas as partes envolvidas nesse processo, que se revela a partir do compartilhamento de experiências e compreensões. (SIQUEIRA, 2011, p. 91)

Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial

O processo de psicodiagnóstico interventivo é subsidiado pelas linhas humanistas e existencialistas, que tem como característica considerar prioritariamente a existência e a vivência do cliente no curso do processo. (FONSECA, 2018)

De acordo com Tenório (2003, p 41), os pressupostos fenomenológicos-existenciais são os pilares para a postura do psicólogo frente ao processo diagnóstico. Por intermédio dessa abordagem, o profissional “não tenta explicar e enquadrar a pessoa examinada em categorizações e parâmetros arbitrariamente teorizados”, pois compreende “que a vivência dessa pessoa é sua própria explicação, sendo ela a melhor intérprete de si mesma”.

A proposta fenomenológica-existencial preconiza, sobretudo, que o psicólogo compreenda que não existe nenhuma verdade à priori, nenhum saber ou teoria absoluta. Portanto, torna-se aplaudível o profissional que se desprenda da posição de especialista e detentor do saber, e acolha seu paciente assumindo papel de

mediador, partindo da conjectura que a "existência do ser humano é relacional, ou seja, revela-se pelo encontro com o outro". (YEHIA, 2014, p. 25)

Feijoo (2011, p. 89) ressalta que "aproximar-se fenomenologicamente da situação consiste em reconduzir aquilo que é apresentado, de forma a não se deixar conduzir pelo que previamente já foi posicionado", assim como "desprovido de um modo de pensar como naturalmente se pensa, o psicólogo pode questionar o que naturalmente se toma como verdade pronta e acabada".

Conforme a autora ressalta, tal postura se torna significativamente importante em casos de crianças previamente diagnosticadas, que chegam ao psicólogo portando rótulos que outros meios sociais lhe atribuíram.

A queixa escolar no atendimento psicológico

Segundo Souza (2005), o cenário atual revela um suposto desconhecimento por parte dos psicólogos responsáveis pelo psicodiagnóstico sobre o processo de ensino-aprendizagem, de tal forma que toda a dinâmica que envolve a escolarização da criança encaminhada, bem como sua história de vida, por vezes deixa de ser investigada a contento, atribuindo, equivocadamente, um diagnóstico que a culpabiliza unicamente por sua situação nesse âmbito. Em suas pesquisas, o autor supracitado aponta que as questões escolares no atendimento psicológico são consideradas como problemas individuais, sendo de ordem familiar, orgânica ou emocional, e que na maioria das vezes, através do processo psicodiagnóstico e da aplicação de testes de inteligência, a criança tem seu destino escolar selado.

Segundo Souza (2005, p. 97) "o desconhecimento do que acontece na escola faz com que muitos psicólogos deem pouca importância à força do laudo psicológico no meio educacional", sendo este considerado um parecer técnico-científico categórico sobre as verdadeiras questões psíquicas envolvidas na queixa. "As consequências da utilização desse instrumento na escola são as mais diversas, mas, em geral, todas elas se apresentam contrárias ao fortalecimento do aprendizado e reforçadoras da estigmatização [...]".

Conforme a autora:

A principal consequência das concepções mencionadas reside no fato de se manter uma Psicologia a serviço da exclusão social dessas crianças. Ao considerar que as causas da queixa escolar se encontram no psiquismo

(problemas emocionais), ou no rebaixamento intelectual (deficiência mental) que - é importante ressaltar - a maioria das vezes as crianças não têm, continua-se eximindo o sistema escolar da participação e/ou produção dessas dificuldades. (SOUZA, 2005, p. 101)

Objetivo

Identificar através dos prontuários de atendimentos já realizados relacionados à queixa escolar, como o olhar do estagiário-terapeuta pode interferir frente a tais demandas e como contribui para o desfecho do processo de psicodiagnóstico interventivo.

Material e Método

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa que visa obter informações por meio de prontuários com queixa escolar atendidos no serviço-escola do UniSALESIANO de Araçatuba-SP. A pesquisa qualitativa preconiza em sua metodologia a investigação dos fenômenos em seu ambiente natural, tal como a compreensão dos seus significados, opondo-se à utilização de dados estatísticos. (PINTO; CAMPOS; SIQUEIRA, 2018) Tal procedimento permite o estudo de casos clínicos que passaram pelo processo psicodiagnóstico interventivo e que não se tem mais acesso físico. Os prontuários estudados abarcaram queixas de ordem escolar durante o período da primeira e segunda infância, abrangendo a faixa etária dos cinco aos onze anos de idade. O estudo delimitou atendimentos feitos no período de fevereiro a novembro de 2019. Dentro dos critérios para a execução desse trabalho, foram analisados nove prontuários, excluindo apenas os prontuários com deficiência intelectual.

Resultados e Discussão

A pesquisa realizada possibilitou a compreensão de que o processo de ir a campo foi de suma importância para o desenvolvimento da presente discussão. Tornou-se evidente, no decorrer da coleta, que não houve um olhar específico à luz de uma única abordagem psicológica nos prontuários estudados, impossibilitando responder se o olhar do estagiário-terapeuta era capaz de interferir no processo de psicodiagnóstico com queixa escolar.

O estagiário-terapeuta passa por um momento de transição entre teoria e prática psicológica que pede uma modificação do seu comportamento, passando

“daquele que estuda o ser humano para aquele que trabalha com o ser humano, no caso os clientes pelos quais vai se responsabilizar”. (AGUIRRE, 2000, p.26)

No esforço de atender às exigências de um novo papel, o estagiário perdia a espontaneidade na relação que mantinha com o paciente. Como o instrumental do psicólogo perpassa a sua pessoalidade, a perda da espontaneidade lhes impedia de se sentirem reais o suficiente para oferecerem uma base convicentemente sólida de relacionamento com o paciente e também consigo próprios (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013, p.35)

Costa (2014, p 51) relatou que em sua experiência clínica o fazer técnico sobressaía ao contato terapêutico. Por suas próprias palavras, “talvez por estar tão preocupada com o que teria que fazer e dizer como técnica, deixava-se de lado minha própria afetação, não aberta nem disponível ao contato”. Ainda segundo o autor, “por essa direção, aprender implica viver, sentir, tocar-se com e pela emoção, experienciando sentido por palavras que possam dizer da apropriação do vivido [...] descobrir-se clínico pela própria prática clínica”. (COSTA, 2014, p.102)

Outro dado pertinente para a discussão é o de que todos os estagiários-terapeutas dos prontuários estudados se respaldaram para os atendimentos em múltiplas linhas teóricas para a compreensão de um único caso, perfazendo muitas vezes uma análise fragmentada, pois, a cada sessão, utilizava-se a linha teórica que se julgava mais adequada à situação presente, como, por exemplo, nas sessões em que surgiam conflitos com a figura paterna, eram utilizados conceitos da psicanálise e da teoria do complexo de Édipo.

A tomada de posição teórica eclética é caracterizada pelo uso de conceitos, linguagens, procedimentos, métodos, técnicas e meios derivados de diferentes pontos de vista teóricos de acordo com as circunstâncias que parecem se adequar a cada situação. (AZOUBEL, 2017)

Se conduzida apenas por um raciocínio linear e causal, a integração das abordagens psicológicas corre o risco de produzir sínteses reducionistas que ao invés de favorecerem o enriquecimento teórico e o permanente diálogo, concorrerão para a construção de meta discursos. Pensamos que esta tentativa de integrar diferentes abordagens pode ser fecunda desde que apoiada numa racionalidade complexa, guiada pelo reconhecimento da complementariedade existente nestas diferenças, mas também pelo reconhecimento dos limites de cada proposta. (SUNDFELD, 2000, p.254)

Por mais que a escolha de uma única linha teórica não seja obrigatória no Estágio de Formação Profissional I e II, levantou-se o questionamento se os estudantes que utilizam múltiplas linhas teóricas em seus atendimentos possuem o conhecimento da postura eclética ou as utilizam de modo indiscriminado.

Além disso, a base do psicodiagnóstico interventivo é de orientação fenomenológico-existencial, o qual valoriza o desprendimento de todo conhecimento à priori e a interrelação entre cliente/psicólogo, contudo, a pesquisa revelou que em 77,7% dos casos atendidos da amostra houve o encaminhamento para o processo de psicoterapia. O dado em questão corrobora para a hipótese de que, talvez, a aparente ausência relacional por parte do estagiário-terapeuta frente ao cliente, bem como a postura eclética no manejo do processo terapêutico, encontrado na coleta da presente pesquisa, estejam comprometendo o desenvolvimento e potencial desfecho do psicodiagnóstico interventivo, sobretudo partindo do pressuposto de que, como modalidade terapêutica, tem condições de suportar as demandas e, intervindo, não se finda necessariamente em um encaminhamento para a psicoterapia.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou compreender a dificuldade vivenciada pelos estagiários-terapeutas em se desprender de teorias aprendidas na graduação para experienciar o relacionamento terapêutico.

A motivação para a pesquisa consistiu em identificar como o olhar do estagiário-terapeuta poderia influenciar no desfecho do processo de psicodiagnóstico infantil, porém, o desenlace do trabalho possibilitou que as pesquisadoras observassem um aparente distanciamento por parte do estagiário-terapeuta à luz da vivência relacional junto ao seu cliente, como preconiza a fenomenologia-existencial, base teórica do psicodiagnóstico interventivo. O estudo ainda aponta que há certa exacerbação na aplicação de teorias, dificultando, assim, enxergar o cliente em sua singularidade.

Desse modo, salienta-se a importância do desenvolvimento de novas pesquisas a fim de afirmar ou abnegar a hipótese de que o aparente distanciamento relacional por parte do estagiário-terapeuta, subsidiado majoritariamente pelo

aparato teórico, pode influenciar no desfecho do processo psicodiagnóstico interventivo com queixa escolar, elevando o índice de encaminhamentos.

Referências Bibliográficas

AGUIRRE, A. M. B. A primeira experiência clínica do aluno: ansiedades e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 2, n. 1, p. 3-33, 2000.

AZOUBEL, M. S. Considerações sobre dogmatismo teórico no Behaviorismo Radical. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 13, n. 2, pag. 19-27, 2017.

BARBOSA, F. D.; LAURENTI, M. A.; SILVA, M. M. Significados do estágio em psicologia clínica: percepções do aluno. Encontro: **Revista de Psicologia**, v. 16, n. 25, p. 31-53, 2013.

BRAGA, S. G.; MORAIS, M. de L. S. **Queixa escolar**: Atuação do psicólogo e interfaces com a educação. PSICOL. USP, São Paulo, n.18, p.35-51, Outubro/2007.

COSTA, A. C. H. **Entre aprender e ensinar, supervisão de campo**: possibilidade de palavras para ser, pertencer e multiplicar na atenção psicológica. 2014.Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CUNHA, J. A. **Fundamentos do psicodiagnóstico**. In: Psicodiagnóstico - V. 5. Ed. Porto Alegre, Artmed, 2014. p. 23-31.

DONATELLI, M. F. **Psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial**. In: ANCONA-LOPEZ, S. Psicodiagnóstico interventivo: Evolução de uma prática. 1º ed. São Paulo: Cortez. 2014. p. 62-85

EVANGELISTA, P. O psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial grupal como possibilidade de ação clínica do psicólogo. **Revista da Abordagem Gestáltica**–Phenomenological Studies - XXII (2): 221, jul.-dez, 2016.

FEIJOO, L. C. A. M. A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVII(2): 185-192, jul-dez, 2011.

FONSECA, M. S, L. **Características do psicodiagnóstico em um serviço-escola de psicologia**. 2018. Monografia (Título de Psicólogo) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.

GASPARETTO, G. G; SCHIMIDT, E. B. **Instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico em uma clínica escola.** PERSPECTIVA, Erechim, v.37, n.140, p. 39-48, Dezembro/2013.

HERZBERG, E.; CHAMMAS, D. **Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia.** Paideia, v. 19, n. 42, p. 107-114, jan.-abr. 2009.

PINTO, I. F.; CAMPOS, C. J. G.; SIQUEIRA, C. **Investigação qualitativa: perspectiva geral e importância para as ciências da nutrição.** Acta Port. Nutr., Porto, n. 14, p. 30-34, set. 2018.

SIQUEIRA, C. C. D. de F. **Psicodiagnóstico Interventivo/ Colaborativo: uma prática psicológica na perspectiva Fenomenológica Existencial.** 2011. Dissertação (Mestrado de Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

SOUZA, R. P. M. **Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar.** Estilos clin, São Paulo, v.10, n.18, p.82-107, jun. 2005.

SUNDFELD, A. C. **Abordagem integrativa: reterritorialização do sabre clínico?** Psic.: Teor. e Pesq. , Brasília, v. 16, n. 3, p. 251-257, dezembro de 2000.

TENÓRIO, D. C. M. **A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica-existencial.** Universitas Ciências da Saúde, Brasília, vol.01, n.01, p. 31-44, 2003.

YEHIA Y. G. **Psicodiagnóstico fenomenológico-existencial: focalizando os aspectos saudáveis.** In: ANCONA-LOPES, Silvia. Psicodiagnóstico interventivo: evolução de uma prática. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 23.